



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR
(ORGANIZADOR)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

Atena
Editora

Ano 2020



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR
(ORGANIZADOR)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F339	<p>Fenomenologia e cultura [recurso eletrônico] : identidades e representações sociais / Organizador Helton Rangel Coutinho Junior. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-078-0 DOI 10.22533/at.ed.780202805</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Fenomenologia. 3. Identidades. I.Coutinho, Helton Rangel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 323</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book Fenomenologia e Cultura: Identidades e Representações Sociais apresentará dez artigos relacionados a uma diversidade de temáticas que se espraiam em nossos cotidianos de diferentes formas. Antes de iniciar sua leitura cabe uma breve ponderação sobre os conceitos implicados.

Fenomenologia é aqui compreendida como o desvelar de agentes inerentes a fenômenos sociais que permitem a melhor compreensão das relações instituídas nas arenas coletivas. Prima por caracterizações que extrapolem as noções de conflito inerentes a uma situação de exploração decorrente de um sistema de produção, muito comum nas leituras marxianas. Atem-se, principalmente, a dados que permitam aos leitores, por si sós, descreverem e reterem informações referentes ao universo que se abre com as apreciações de materiais coletados expostos de forma a aguçar o espírito crítico e investigador.

Desta feita, todos os artigos presentes englobam aspectos relacionados a formação de identidades e representações sociais em um campo cultural. Cultura é então percebida como o conjunto de valores e práticas sociais vertidas diante de um contexto social. Identidade implica na concepção de projetos de vida que se atrelem a construção de projetos societários. Enquanto representações sociais se referem aos níveis de performance, linguagens, uso da língua, posturas e retratações que infiram percepções sobre identidades e elementos de dados momentos da nossa história e da trajetória de nossas instituições.

Mas calma, no capítulo 1 será esmiuçado um pouco das bibliografias pertinentes aos conceitos de fenomenologia e cultura em suas possibilidades correlatas. Já os capítulos 2 ao 7 referendam experiências práticas relacionadas ao campo da educação em sua multiplicidade de abordagens possíveis, destacando, principalmente, consequentes relacionados a nossa miscigenação cultural e os tensionamentos postos pela valorização dessa que envolvem desde a ressignificação de noções de pertencimento a raízes africanas até questões de gênero decorrentes do perfil de professores.

Em consequente, dos capítulos 8 ao 10, são expostas possibilidades de tratamento do cosmos espraiado por práticas em saúde. Explicitam-se as provocações advindas de todo um ecossistema de fauna e flora, do histórico de algumas fundações em saúde firmadas pela nobreza clerical e dos avanços representados pelos transplantes de órgãos, suas normas e distorções.

Dessarte, os referidos artigos, para sua melhor leitura, perpassam o conceito de hipertexto. Esse requer não só a atenção às narrativas apresentadas por seus autores, mas a percepção de suas interconexões com outras leituras, associações e veículos que lhes dão vida. Salienta-se o conjunto de questões que é trazida

pelo bojo de uma multiplicidade de nuances e repercussões correlatas a realidade hodierna.

Por esse prisma, o elemento cultural marcador, que agrega os diferentes textos aqui apresentados, se relaciona ainda a premente necessidade da multidisciplinaridade de saberes e importância de uma visão integral sobre as arrebações dos viventes e seus dilemas consoante o conjunto de possibilidades postas pelo universo telúrico.

Helton Rangel Coutinho Junior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ALFRED SCHÜTZ: UM PARADIGMA PARA PENSAR A CULTURA	
José Vitor Lemes Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.7802028051	
CAPÍTULO 2	14
LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: UM RESGATE DA CULTURA NEGRA EM PROL DA INSERÇÃO SOCIAL E ELIMINAÇÃO DE RACISMOS E PRECONCEITOS	
Gleides Ander Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.7802028052	
CAPÍTULO 3	25
ASPECTOS CULTURAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: UMA ANÁLISE SOBRE JOÃO PAULO BORGES COELHO	
Patricia de Oliveira Rezende	
DOI 10.22533/at.ed.7802028053	
CAPÍTULO 4	38
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA, CONSTRUINDO A ESCOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “DONA ISABEL”, DO MESTRE TONI VARGAS”	
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7802028054	
CAPÍTULO 5	50
HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/03 NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ	
Nicácia Lina do Carmo	
Leilah Santiago Bufrem	
DOI 10.22533/at.ed.7802028055	
CAPÍTULO 6	58
O ESPAÇO ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: PERTENCIMENTO E REAFIRMAÇÃO CULTURAL	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7802028056	
CAPÍTULO 7	67
SOBRE PROCESSOS E ELEMENTOS PRESENTES NAS RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES HOMENS NOS ANOS INICIAIS	
Maria da conceição Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7802028057	
CAPÍTULO 8	78
A IMPORTÂNCIA DA INTERSETORIALIDADE NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NA REGIÃO CENTRO SUL DO ESPÍRITO SANTO - BRASIL	
Daniele Custódio Gonçalves das Neves	
Katia Cilene Tabai	
DOI 10.22533/at.ed.7802028058	

CAPÍTULO 9	91
AÇÕES DE CONTROLE DA RAIVA ANIMAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA DE SERRA DA MESA, NORTE DE GOIÁS, BRASIL	
Leonardo Aparecido Guimarães Tomaz	
Valéria de Sá Jayme	
Marlon Zortéa	
Aires Manoel de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7802028059	
CAPÍTULO 10	110
A LITERATURA DEVOCIONAL OS CUIDADOS A SAÚDE EM PORTUGAL (SÉCS. XV-XVI)	
André Costa Aciole da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78020280510	
CAPÍTULO 11	123
ANÁLISE DO TRÁFICO DE ÓRGÃOS SOB O ÂNGULO JURÍDICO-SOCIAL	
Marcela Rodrigues Almeida	
Laís Moreira Barros	
Orisval Paulino Dos Junior Santos	
Renata Botelho Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.78020280511	
SOBRE O ORGANIZADOR	135
ÍNDICE REMISSIVO	136

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA, CONSTRUINDO A ESCOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “DONA ISABEL”, DO MESTRE TONI VARGAS”

Data de aceite: 12/05/2020

Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro
URCA

Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e
Identidades – DISCULTI
claudiarejanep@yahoo.com.br

RESUMO: Esse artigo apresenta possíveis contribuições da capoeira para o universo escolar. Para tanto, contempla alguns pressupostos da Escola Francesa, aqui representada por Foucault. Considera ainda as normas do Ministério da Educação e da UNESCO, que reconhece a capoeira como patrimônio imaterial da humanidade, como fonte de saberes e parte da bibliografia pertinente ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira, Ensino-aprendizagem, Escolas, Educação, Patrimônio.

**SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT
CAPOEIRA, BUILDING THE SCHOOL:
ANALYSIS OF THE SPEECH OF THE SONG
“DONA ISABEL”, BY MESTRE TONI VARGAS”**

ABSTRACT: This article presents possible contributions of capoeira to the school universe.

To this end, it will present some assumptions of the French School, represented here by Foucault. It also considers the norms of the Ministry of Education and UNESCO, which recognize capoeira as an intangible heritage of humanity, as a source of knowledge and part of the bibliography relevant to the theme.

KEYWORDS: Capoeira, Teaching-learning, Schools, Education, Heritage.

1 | INTRODUÇÃO

A Capoeira é uma expressão cultural brasileira que congrega arte marcial, esporte, cultura popular e música. Foi desenvolvida nas senzalas brasileiras como forma de resistência dos escravos à violência dos senhores e capitães do mato. O que a distingue das outras artes marciais é a sua musicalidade. Praticantes desta arte, aprendem não apenas a lutar e a jogar, mas também a tocar os instrumentos e a cantar.

Em 24 de novembro de 2014, a Roda de Capoeira recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Além disso, é hoje a grande embaixatriz da língua portuguesa brasileira no exterior, com muitos grupos presentes em diversos países.

Apesar de todo esse reconhecimento internacional, diversas instituições brasileiras ainda não reconhecem seu valor cultural e as inúmeras possibilidades de aplicação pedagógica transdisciplinar de suas canções.

Nessa perspectiva, pois, esperando modestamente contribuir com a mudança desse quadro, procedemos uma análise da letra da canção “Dona Isabel”, do Mestre Toni Vargas, no intuito de exemplificar possibilidade de abordagem dos mecanismos linguísticos e históricos mobilizados na construção da ideia de “abolição”. Como base da referida análise foram considerados os fundamentos teórico-metodológicos da Escola Francesa aqui representada por Foucault (1996;1997;1999

Tal propósito corrobora ainda com a aplicabilidade da Lei 10.639/03 que estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira, por meio de temas como história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional como parte dos conteúdos pertinentes a formação básica.

De acordo com o texto, o ensino deve se basear nos seguintes princípios: consciência política e histórica da diversidade, fortalecimento de identidades e de direitos e construção de ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Os conteúdos devem ser ministrados de forma transversal em todo o currículo, em especial nas áreas de artes, literatura e história.

Tal perspectiva coaduna-se também com as orientações para o ensino da língua materna no Brasil. As Orientações Curriculares Nacionais do Brasil (2006, p. 36), documento conhecido como “PCNs +”, atesta para a área de linguagens e códigos que: “[...] o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem”.

É, portanto, com raiz em tais pressupostos, que analisaremos modalidades do cancionário capoeirista com fins a demonstrar as inúmeras possibilidades de trabalhos que lhes perfazem.

2 | MESTRE TONI VARGAS: O POETA GUERREIRO DA CAPOEIRA

A raça negra não nasceu para ter senhor
Minha alma é livre o berimbau me libertou
(Mesre Toni Vargas)

Antonio César de Vargas nasceu em 5 de abril de 1958. Começou a jogar capoeira em 1968 com o mestre Rony (do Grupo Palmares de Capoeira). Depois foi aluno do mestre Touro, do grupo Corda Bamba, onde obteve Cordel Azul. Em 1977 ingressou no grupo Senzala como aluno do mestre Peixinho, com o qual obteve o cordel vermelho em 1985. É formado em Educação Física com Pós-graduação

em dança pela UFRJ. Mestre de Capoeira, professor de Educação Física, poeta, músico, compositor e educador, desenvolve um trabalho com crianças, sendo coordenador de uma instituição de educação infantil. Participou de diversos discos e tem várias músicas gravadas, como “Salve Obaluaiê”, 2006, “Liberdade”, 2007, “Quadras e corridos”, 2009. Mestre Toni Vargas é reconhecido pela comunidade da capoeira como um dos maiores poetas dessa arte, tendo sido homenageado pela Superliga Brasileira de Capoeira em Curitiba no ano 2000. Além da beleza poética, rítmica e melódica das suas canções, as letras trazem temáticas relacionadas ao questionamento das relações sociais e da situação do negro brasileiro desde o período escravista até as questões atuais.

A canção “Dona Isabel” é a primeira faixa do repertório do *compact disc (CD)* “Liberdade” de 2007. Canção extremamente executada nas rodas de capoeira do Brasil e do exterior. Foi selecionada para análise, por ser uma canção que, por si, já traz a possibilidades de reflexão sobre os temas que aborda. Além disso, a canção, traz na sua letra, uma questão cara à historiografia brasileira e ao ensino: a forma de contar a história da abolição da escravatura.

A historiografia oficial, por meio livros didáticos atribui, muitas vezes, à Princesa Isabel, cognominada de “A Redentora”, o protagonismo do fim da escravidão. Pesquisas posteriores demonstraram que no momento em que a Lei Áurea foi promulgada, restava não mais que 5% de pessoas oficialmente escravizadas e que a promulgação da lei, mormente, ocorreu por pressão da comunidade econômica internacional representada pela Inglaterra em virtude de seus interesses monetários e não por beneplácito da elite branca brasileira.

3 | A CAPOEIRA E A MULTIPLICIDADE DAS CANÇÕES

A Capoeira, além de ser uma luta de resistência e jogo, é também: “defesa, ataque, é ginga no corpo, é malandragem” (canção anônima). Além de possuir dimensão cultural muito forte relacionada a dança, malemolência e musicalidade.

As canções, antes anônimas, transmitidas apenas pela oralidade, hoje contam com as tecnologias do registro em CDs, vídeos e meios eletrônicos outros disponíveis, o que fortalece a figura do autor/compositor e a transmissão dessa cultura a novas gerações.

Nessa arte, tem-se uma gama variada de estilos musicais, como por exemplo, os corridos, as quadras, as chulas e as ladainhas. Vejamos quais campos sensoriais são implicados em tais ritmos:

Corrido: São cantos responsoriais, cantigas com versos curtos e simples, os quais são repetidos e usados como refrão pelo coro- esse aqui representado

por todos os participantes da roda de capoeira. O texto cantado, pode ser oriundo de uma quadra, de uma ladainha ou de uma chula, entoado a partir de toques mais acelerados. As temáticas referem-se ao passado, à memória da capoeira ou a cenas da vida cotidiana. No corrido, não há a preocupação com uma narrativa, as frases são enunciadas quase que aleatoriamente. Exemplo:

Cantador: Ai ai Aidê
Joga bonito que eu quero aprender
Coro: Ai ai Aidê
Cantador: Como vai como passou
Como vai vosmecê
Coro: Ai ai aidê
Cantador: Joga bonito que eu quero ver
Coro: Ai ai Aidê

Quadra: Estrofe de quatro versos simples cujo conteúdo varia. Pode fazer brincadeiras com algum comportamento de algum companheiro de jogo, pode fazer advertências, falar de lendas, fatos da capoeira ou figuras importantes da capoeira. Normalmente as quadras terminam com uma chamada ao coro que pode ser: camaradinho, camará, volta ao mundo, aruandê, dentre muitas. Ex:

A palma estava errada
Bimba parou outra vez
Bata esta palma direito
A palma de Bimba é um, dois, três. (Repete refrão)

Chula: é uma cantiga curta, normalmente feita de improviso, que faz alguma apresentação ou identificação. É entoada pelo cantador para fazer a abertura de sua composição. Normalmente faz uma louvação aos seus mestres, a origens. Pode ainda invocar culto a fatos históricos, lendas ou algo que diga respeito à roda de capoeira. É comum aos cantadores da roda usarem a chula como introdução para os corridos e ladainhas e, durante a mesma, é sugerido um refrão para o coro cantar¹. Ex:

“Luta que era o maculelê
Virou dança para não morrer
Capoeira, Cruzeiro, Cerrado
Roda aberta pra quem quer jogar
O meu mestre quer ver você balançar”

Cântico: é entoado na Roda de Capoeira tradicionalmente. Deve ser cantada por um Mestre - o mais velho e/ou mais considerado. Nesse último caso, a escolha

1. As informações aqui vinculadas foram inferidas do site: <http://capoeiranovagera.blogspot.com/2011/12/corridos-quadra-chula-e-ladainha-musica.html>

Nesse podem ser ainda conferidas outras entoadas e expressões relacionadas a capoeira.

passa pela autorização do Mestre da Roda que escolhe o capoeirista que vai “fazer um jogo” ao “pé do Berimbau” embalado por tal ritmo.

Ladainhas: trazem em seu bojo: a história da Capoeira e de seus grandes personagens; concepções de mundo; orientações a algum aprendiz, etc. Segundo os “Velhos Mestres” da Bahia, enquanto a Ladainha está sendo cantada, não se realiza nenhum “jogo físico”. É necessário aproveitar esse momento concentrando-se no entendimento da(s) mensagem(ns) que nela está(estão) contida(s).

É um ritmo lento, sofrido, dolente. É como uma reza, uma oração muito parecida com as que são feitas na igreja em louvor. O conteúdo de uma ladainha corresponde a uma oração longa e desdobrada pelo cantador em versos entremeados pelo refrão repetido pelo coro.

As ladainhas são cantadas antes do jogo. Os participantes da roda devem ficar atentos ao cantador, pois na ladainha pode ser feito um desafio e, quando esse for dado, se inicia o jogo. Qualquer um pode ser chamado nesse desafio. Na ladainha, sempre, conta-se uma história. Geralmente, sem a resposta do coro, que participa apenas no momento que o cantador acaba a história, entoando dizeres como “lê vamos simhora/lê é hora é hora” e assim por diante, até chegar em expressões como “dá volta ao mundo”.

Nota-se, tão logo, que as ladainhas se dividem em duas partes: uma falada e outra cantada. Apresentam, inclusive, fatos de nossa história conforme veremos na canção abaixo:

Dona Isabel
Mestre Toni Vargas

Código Penal da Republica dos Estados Unidos Do
Brasil
Decreto numero 847
De 11 de outubro de 1890
Capítulo 13
Dos vadios e capoeiras

Artigo 402
Fazer nas ruas e praças públicas
Exercícios de agilidade e destreza corporal
Conhecido pela denominação “Capoeiragem”
Andar em correrias com armas e instrumentos
Capazes de produzir lesão corporal
Provocando Tumulto ou desordem
Ameaçando pessoa certa ou incerta
Ou incutindo temor de algum mal
Pena: De Prisão celular de 2 à 6 meses

Parágrafo único
É Considerável circunstancia agravante
Pertencer o capoeira a algum bando ou maúrea
Aos chefes ou cabeças
Se em porá pena em dobro

lêê

Dona Isabel que história é essa?
Dona Isabel que história é essa
Oi ai ai!
de ter feito abolição?
De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
To cansado de conversa
to cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
Que inundava este país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes
E ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela
E não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora
De se acabar com essa maldade
De se ensinar aos nossos filhos
O quanto custa a liberdade

Viva Zumbi nosso rei negro
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos
E já jogava capoeira

lê! viva Zumbi
(lêê Viva Zumbi, Camará)
lê! Rei de Palmares
(lêê Rei de Palmares, Camará)
lê! Libertador
(lêê Libertador, Camará)
lê! Viva Meu Mestre
(lêê Viva Meu Mestre, Camará)
lê! quem me ensinou
(lêê quem me ensinou, camará)
lê! A Capoeira
(lêê a Capoeira, Camará)²

Em sua parte falada, a referida ladainha, faz citação literal do Código Penal de 1890, em seu Capítulo XIII, livro III - Das contravenções em espécie, que tratava “dos vadios e capoeiras” em seu artigo 402. Período em que a “capoeiragem” era tipificada como contravenção penal e proibida de ser realizada nas ruas. As prisões não eram realizadas somente mediante flagrante. O fato de ser capoeira já era motivo para prisões, o que ocasionou também os apelidos dos praticantes. Somente na década de 1930 a capoeira foi descriminalizada.

Nesse sentido, é interessante compreender o significado da citação literal do Código. No contexto em tela, adquire o sentido de denúncia das condições do negro naquele período. A atividade, por estar associada aos negros, era criminalizada e implicava em penalidades, que não eram pequenas. Envolviam muitas chibatadas e um período de trabalho forçado em locais afastados das cidades.

Na segunda parte da ladainha citada, percebe-se a expressão: iêeeeeee. Essa expressão, muitas vezes, abre as ladainhas cantadas no jogo de Angola. Serve

2. A letra da canção, dentre outras pode ser conferida no site: <https://www.letras.mus.br/mestre-toni-vargas/353001/>

para atrair as energias positivas, a atenção das pessoas. Funciona ainda como uma bênção inicial para que os capoeiristas façam um bom jogo.

A ladainha, no caso em análise, segue sendo construída com base em um enunciador que interpela uma senhora pelo pronome de tratamento seguido de seu nome: Dona Isabel. O texto assume um tom de questionamento crítico quando o sujeito-enunciador interpela o coro utilizando a forma diminutiva que, no contexto, adquire um tom irônico: “Dona Isabel que história é essa de ser princesa “boazinha” que aboliu a escravidão”. A informação de uma abolição concedida é criticada ainda com a contraposição feita na frase subsequente da ladainha que afirma: “Abolição se fez com sangue que inundava este país/Que o negro transformou em luta/Cansado de ser infeliz”.

Para compreender o jogo entre verdade e mentira, estabelecido em seguida, recorremos a Foucault (1996;1997;1999) em suas análises sobre os mecanismos de produção de verdades históricas.

Para o autor, as verdades universalmente atribuíveis ao sujeitos, nos termos do conhecimento científico, são, em última instância, efeitos de verdade ou “vontades de verdade” produzidos por mecanismos estratégicos de poder presentes nas práticas sociais. Isso significa dizer que não existe verdade *a priori*. As construções históricas funcionam “como se fossem verdades”, com o objetivo de justificar racionalmente relações de poder.

Para o autor, o binômio opositivo “verdadeiro/falso” de um discurso é determinado pelas formas possíveis ao dizível e pelas formas como “verdades/falsidades” circulam em determinadas sociedades, o que envolve necessariamente questões concernentes também a legitimidade do dizer.

‘Quem pode dizer’, ‘o que se pode dizer’ e ‘para quem’ são questões que tocam diretamente na relação do sujeito com o seu discurso, conforme um contexto, o que implicará ainda sua legitimidade ou não. Legitimidade que se constitui a partir de relações de poder. Ainda assim, sobressalta-se que o próprio discurso já é portador de poder. Dessa forma, não existe verdade, ou mentira, dissociada das representações de poder. (Foucault, 1996, 1997).

Temos ainda que todo discurso é, em verdade, um contradiscurso, porque se relaciona dialogicamente com outros, com o dito anteriormente, com o não-dito, com o seu outro. Todo discurso está ancorado em outros anteriormente pronunciados e também busca silenciar outros, estando intrinsecamente relacionado também a questões como fazer/saber/dizer.

Foucault (1999, p. 10.) afirma ainda: “*O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.*” É, pois, nessa perspectiva que vamos encontrar na letra da canção um jogo de validações/questionamentos consoados

pela luta pelo direito à palavra, constituição de significações válidas à história brasileira, de um reconhecimento musical e do espírito/identidades coletivas que permeiam a referida melodia e o seu entoar em rodas de capoeira.

Que metáforas foram instituídas para representar a abolição da escravatura? Que sujeitos foram historicamente construídos através do discurso escolar?

Durante muito tempo, os livros didáticos traziam as “datas comemorativas”, dentre elas, o 13 de maio, data da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, segundo os livros da época, a “redentora”, “aquela que aboliu a escravidão no Brasil”. Instala-se, pois, a luta pela legitimidade de que se firmem outras narrativas relacionadas a abolição. Sobressalta-se, nesse bojo, que a abolição foi paulatina e os rogos provenientes da escravidão se alongam em nossa história. Assim, ainda há muito por se fazer agora.

Nesse momento, ocorre uma curiosa construção semântica:

Frei David Santos Ofm, diretor da Educafro, uma ONG voltada à educação de jovens descendentes de africanos, sustenta que a lei Áurea “não passa de uma farsa”, pois, quando foi assinada, “só 5% do povo negro viviam sob regime de escravidão”. A liberdade dos negros tampouco foi acompanhada de sua inclusão social. Os ex-escravos foram deixados à sua própria sorte em uma sociedade fundamentalmente racista. Muitos continuaram a fazer os mesmos serviços a troco de comida. Para se ter uma idéia da estratégia de controle social da época, em julho de 1888 – apenas dois meses depois da abolição – foi apreciado na Câmara dos Deputados um projeto elaborado pelo ministro Ferreira Viana estabelecendo instrumentos de repressão à ociosidade. “O projeto prevê que os ociosos serão conduzidos à colônia de trabalho, com preferência para atividades agrícolas, onde serão internados com o objetivo de adquirir o hábito do trabalho”, registrava. Dessa forma, para que a liberdade fosse admitida, os negros teriam que, sem meias palavras, permanecer escravos.

Ainda hoje os descendentes africanos são, em sua maioria, marginalizados, discriminados e excluídos das atividades sociais e culturais. A pesquisa “Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho”, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) em 1998, mostrou “indicadores sistematicamente desfavoráveis aos trabalhadores negros”. De acordo com esse estudo, por exemplo, em Salvador (BA) os negros são 86,4% dos desempregados. No Distrito Federal, a porcentagem chega a cerca de 68%. Mesmo assim, até hoje, o 13 de maio — data da assinatura da lei Áurea — ainda é oficialmente comemorado como a dia da libertação dos escravos³.

Dessarte, o reconhecimento dos valores musicais presentes nas rodas de capoeira e de sua representatividade como elemento capaz de consolidar dados sobre o movimento negro no Brasil, em suas trocas culturais provenientes das diferentes etnias de nossa Nação, acresce força ao reconhecimento dessa como mecanismos capaz de mitigar os efeitos perniciosos de situação de desvantagem social elencada acima.

3. Maiores informações no site: <https://www.educafro.org.br/site/>

4 | COM A VERDADE DA FAVELA: CONSTRUINDO A ESCOLA

Descendentes de guerreiros *imbangalas* (ou *jagas*), de Angola, Zumbi, o maior líder escravo brasileiro no século XVII, nasceu provavelmente em 1655 no quilombo dos Palmares. Quilombos eram povoamentos de escravos fugitivos que se organizavam de forma comunitária para viver em liberdade e se proteger das expedições de captura. O quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, em Pernambuco, foi o maior e o mais resistente do Brasil: chegou a abrigar mais de 20 mil negros e durou cerca de 100 anos — estima-se que de 1590 a 1694.

Dentre as narrativas sobre sua trajetória de vida de Zumbi destacamos:

Quando criança, Zumbi foi aprisionado por uma dessas expedições e levado ao distrito de Porto Calvo, em Alagoas. Foi doado a um padre chamado Antônio Melo, que o batizou como Francisco. Documentos históricos registram que, aos 10 anos, o garoto já sabia latim e português. Aos 15 anos, o jovem Francisco, já com corpo de homem, conseguiu fugir do padre e sumiu na mata. Voltou a Palmares e mudou seu nome para Zumbi — palavra que significa “morto-vivo”.

Este apelido inspiraria uma das várias lendas que sobrevoam o mito criado em torno deste líder. Durante um derradeiro ataque a Palmares, na iminência de ser capturado pelo mercenário Domingos Jorge Velho, Zumbi preferiu suicidar-se. E sangrou até a morte: era melhor morrer do que voltar a ser escravo. Mesmo assim, um ano depois, eis que Zumbi aparece guerreando ferozmente contra bandeirantes e capitães do mato caçadores de negros, fortalecendo ainda mais a lenda de guerreiro imortal. No entanto, traído por um de seus principais comandantes, o líder de Palmares foi morto em 20 de novembro de 1695. Sua cabeça foi decepada e pendurada em local público, até que apodrecesse à vista de todos⁴.

Diante das significâncias de Zumbi, não à toa, que esse tornou-se tema de diversas canções capoeiristas. Na música “Dona Izabel”, quando as referências a sua pessoa ocorrem, é quando o coro é invocado. Cabe a uma voz coletiva louvar seu reinado, seu heroísmo, a cultura de seu povo e a luta por liberdade que representou sua vida.

Na música, rememora-se ainda os primórdios da ginga capoeirista, que datam desde sua época, posto que afirma-se que no Quilombo já se jogava Capoeira e essa era inclusive considerada uma vivência da liberdade. Mais que isso, retoma-se nessa dinâmica, o avivamento de um sujeito coletivo relacionado aos negros, ao povo e suas culturas, memórias e histórias: dignos de louvores. A ladainha se encerra, então, em um cânone representado por ‘salves’ e ‘vivas’ ao mestres como Zumbi, que ensinou a Capoeira.

Retoma-se, nessa toada ainda, a significância da oralidade, já que naquele tempo, parques eram os escritos, geralmente ocorria a transmissão falada de informações e mensagens.

Não se pode deixar de sobressaltar que tanto a oralidade como estruturas

4. Narrativa exposta no site: <http://www.novaeconomia.inf.br/historia-mal-contada/>

canônicas são formas muito presentes nas tradições africanas, vide os cantos responsoriais, refrões, frases simples, repetidas inúmeras vezes, que figuram como chama viva das significâncias e narrativas do povo negro.

Neste sentido, não se pode deixar de sobressaltar que domínios sobre a oralidade e o cancionero são requisitos primordiais para graduar-se como mestre em capoeira e/ou participar de suas rodas na atualidade. A organização dessas perpassa, mais que tudo, interesse e identificação com essa manifestação cultural de nosso país⁵.

4.1 Aproximações entre o universo da unidade de ensino e segmentos escolares

As Orientações Curriculares Nacionais (2006) traçam, em seu eixo relacionado a linguagens, códigos e tecnologias, no tocante a disciplina língua portuguesa o seguinte desiderato:

Espera-se, portanto, dessa etapa de formação o desenvolvimento de capacidades que possibilitem ao estudante: (i) avançar em níveis mais complexos de estudos; (ii) integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia, no caminho de seu aprimoramento profissional (iii) atuar, de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social (p. 17).

No mesmo eixo, mas no tocante a disciplina de educação física, atenta-se que:

A leitura da realidade pelas práticas corporais permite fazer com que essas se tornem “chaves de leitura do mundo”. As práticas corporais dos sujeitos passam a ser mais uma linguagem, nem melhor nem pior do que as outras na leitura do real, apenas diferente e com métodos e técnicas particulares. Pode-se dialogar em uma aula de Educação Física com outras linguagens, como a escrita ou a linguagem audiovisual. Porém, as práticas corporais possuem valores nelas mesmas, sem a necessidade de serem “traduzidas” para outras linguagens para obter o seu reconhecimento. Estão diretamente ligadas a uma formação estética, à sensibilidade dos alunos. Por meio do movimento expressado pelas práticas corporais, os jovens retratam o mundo em que vivem: seus valores culturais, sentimentos, preconceitos, etc (p. 218).

O referido eixo abarca ainda a disciplina de Artes. Nesse campo de saber são englobadas:

manifestações da linguagem e o universo específico da arte. Essas duas perspectivas não são excludentes, pois a arte hoje estabelece vínculos muito estreitos com o cotidiano e com todas as outras formas de saber. No entanto, essas diferenças precisam ser explicitadas para caracterizar a especificidade da disciplina Arte, mesmo quando ela aborda temas que não sejam propriamente artísticos. No primeiro vetor, é salientada a dimensão simbólica e estética do ser humano no seu sentido mais amplo. Nesse caso, o estudo sobre as diversas linguagens (visual, sonora, corporal e também verbal) permite a abordagem dos mais diversos aspectos da cultura ligados ao cotidiano, ao entretenimento, aos ofícios, às ciências, etc. No segundo, é destacada a especificidade da experiência simbólica e estética da arte, que gera – especialmente na tradição ocidental – um tipo particular de narrativa sobre o mundo, diferente da narrativa científica, da

5. Nos seguintes sites podem ser encontradas maiores informações sobre a capoeiragem: <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/>
<http://www.capoeira.gov.br/>

A mesma norma, em seu eixo ciências humanas e suas tecnologias, repisa como atribuição da disciplina de história: “oferecer aos alunos possibilidades de desenvolver competências que os instrumentalizem a refletir sobre si mesmos, a se inserir e a participar ativa e criticamente no mundo social, cultural e do trabalho (p.69)”.

Tais metas são vertidas por Souza da seguinte forma:

O aluno, ao longo de sua formação, deverá: “conviver, de forma não só crítica mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem – escrito, oral, imagético, digital, etc. –, de modo que conheça – use e compreenda – a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais–literária, científica, publicitária, religiosa, jurídica, burocrática, cultural, política, econômica, midiática, esportiva, etc. (p. 130)

Tal perspectiva adensa corpo também nos Parâmetros Curriculares (1998), cujo texto enfatizava a oralidade, a escrita, a corporalidade, as posturas, etc, como aspectos relevantes a serem considerados no processo formativo. Incorporam-se, na referida normativa, questões relacionadas a multiplicidades semióticas hodiernas povoadas por gêneros híbridos e multimodais.

Nesse sentido, o conceito tradicional de letramento, como inserção do cidadão no universo da fala, escrita, aprendizagem para o trabalho, domínio de diferentes formas da língua e linguagem, ultrapassa conservadoras práticas relacionadas ao uso do quadro/giz.

Dessa feita, considerando também, que vivemos em um país multifacetado culturalmente, detentor de um imenso mosaico social, regional, cultural, é importante a valorização dessa diversidade linguístico-cultural de gêneros a serem trabalhados de forma multitemática nas escolas.

Não é possível, nesses tempos de diversidade cultural, a escola continuar, por exemplo, insistindo em monólogos literários canônicos, silenciando outras formas poéticas oriundas da oralidade.

Nesse arcabouço, aponta-se que os conhecimentos do mestre de capoeira podem ser incorporados nas unidades de ensino, conforme a mediação de conhecimentos de professores de diversas disciplinas.

Noutro giro, por exemplo, podemos encarar o *rap*, a literatura de cordel, as canções e, outras expressões culturais como expressões plausíveis também de serem incorporadas no currículo escolar.

A exemplo, o uso do *hip-hop* como uma agência de letramento visa levar educação, senso crítico e politização à comunidade negra e multi étnica usando os elementos *-rap, DJ, grafite, dança* - como ferramentas (SOUZA, 2011). Nisso

percebe-se que:

A singularidade está nas microrresistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas [...]. Essa perspectiva de letramento, que acolhe e legitima os letramentos no movimento hip-hop [...], pelo fato de fazerem sentido e de serem significativos para os sujeitos de conhecimentos e de direito [...]. (SOUZA, 2011, p.37)

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2006.

_____. *Lei 10.639*. Congresso Nacional: Brasília, 2003.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyla, 1999.

_____. M. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo: parábola Editorial, 2011.

VARGAS, Toni. *Dona Isabel*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mestre-toni-vargas/353001/>, acesso em 21 de julho de 2016.

SOBRE O ORGANIZADOR

HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR - Possui graduação em Serviço Social, História e Direito pelas instituições Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Estácio de Sá, respectivamente. Possui ainda especializações nas áreas de Historiografia Brasileira, Direito Constitucional (ambas pela Faculdade Venda Nova do Imigrante- ES) e Sociologia Urbana (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela linha de pesquisa “Questões socioambientais, urbanas e formas de resistência social”. Atualmente cursa Letras junto a Universidade Cruzeiro do Sul e participa de projeto de extensão das Editoras parceiras Universidade do Livro/UNESP- Universidade Estadual Paulista com fins ao aprofundamento de elementos relacionados a editoração, preparo e produção de textos em suas diferentes modalidades. E-mail: heltonrcj@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afrodescendência 58, 64
Agricultura Familiar 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
Alfred Schütz 1, 2, 9, 12
Apiacá 78, 79, 82, 83, 84, 85
Aprendizagem 10, 38, 48, 63
Assistência 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 120, 121, 122, 128
Atílio Vivacqua 78, 79, 82, 83, 84, 85

C

Cacheiro de Itapemirim 78, 79
Cachoeiro de Itapemirim 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90
Camundongos 92, 96, 97
Capoeira 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48
Castelo 78, 79, 82, 83, 84, 85
Crime Organizado 123, 125, 126, 133
Cultura 1, 2, 4, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 77, 80, 108, 114, 115, 116, 120, 121, 122

D

Dignidade humana 125, 132, 133
Direito Penal 123
Diversidade 18, 20, 22, 23, 24, 27, 33, 39, 48, 59, 60, 62, 80, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 98, 100, 101, 104, 107, 109, 132

E

Educação 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 30, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 65, 66, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 104, 110
Enfermos 110, 111, 114, 115, 117, 119
Ensino 17, 18, 19, 23, 38, 39, 40, 47, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 69, 72, 76, 77, 80, 89
Epidemiologia 90, 92, 93, 94, 103
Escola 16, 17, 19, 23, 38, 39, 43, 46, 48, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 70, 71, 72, 96, 107
Espírito Santo 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

F

Foucault 38, 39, 44, 49, 61

G

Goiás 95, 98, 102, 104, 106, 107, 108, 110, 123

H

Hospitais 110, 111, 114, 116, 117, 119, 120, 126, 133

I

Idade Média 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121

Intersetorialidade 78, 80, 81, 89, 90

J

Jerônimo Monteiro 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

L

Lei 10.639/03 23, 39, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Literatura Africana 14, 21, 22

Literatura devocional 110, 119

M

Max Weber 2, 9

Mimoso do Sul 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

Ministério da Educação 23, 38, 49, 57, 80

Morcegos 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Muqui 78, 79, 82, 83, 84, 85

P

Patrimônio 38

PNAE 78, 79, 80, 81, 82, 86, 88, 90

Políticas Públicas Intersetoriais 79

Portugal 20, 21, 26, 27, 30, 77, 90, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 122

Práticas em saúde 110, 112, 113

R

Raiva 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Região Central Sul 81, 82, 83, 84, 85, 86

S

SAN 78, 79, 80, 81, 87, 88

Sociedade 2, 4, 7, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 29, 30, 33, 36, 39, 45, 47, 48, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 72, 75, 81, 123, 126, 127, 130

Sociologia 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 52, 58, 65, 135

T

Tráfico de Órgãos 123, 125, 127, 129, 130

Transplante de órgãos 124, 126, 128, 130, 132

U

Unidades de ensino 48, 80

V

Vargem Alta 78, 79, 82, 83, 84, 85

 **Atena**
Editora

2 0 2 0